



PRIMEIRO DOMINGO DO ADVENTO

Ano C – 01 dezembro 2024

Viver a Palavra

O texto do Evangelho para este Domingo, começa por evocar os sinais presentes «*no sol, na lua e nas estrelas*» e descreve o modo como «*as forças celestes serão abaladas*». Os astros são o relógio cósmico a partir do qual a humanidade ritma o seu tempo e constrói a sucessão dos dias e dos anos: calculamos os anos da nossa vida pelas voltas dadas ao sol; os navegadores desbravaram os mares e chegaram a terras desconhecidas guiados pelos astros; os agricultores ao ritmo das fases da lua encontram o tempo mais favorável para as suas plantações e as suas colheitas. O anúncio da queda e abalo das forças celestes atemoriza e aterroriza, pois parece fazer ruir lugares onde encontramos o ritmo da vida e a orientação do caminho. Contudo, o anúncio, aparentemente dramático, proclamado por Jesus, é acompanhado pela certeza de que tudo isto acontecerá acompanhado pela visão do Filho do Homem que virá numa nuvem com grande poder e glória. Desmoronam os relógios humanos e os ritmos marcados pelos astros celestes, para darem lugar ao ritmo de Deus que deve marcar o passo da história.

A espera, que habita o coração de cada homem e de cada mulher, e, que faz sonhar um mundo novo e diferente, encontra realização e plenitude no advento de Deus, que vem ao nosso encontro com grande poder e glória. O tempo da nossa vida não pode limitar-se à contabilização dos dias e horas que nos são dadas viver, mas o saborear da presença de Deus que rasga horizontes novos e faz experimentar a verdadeira sabedoria que invoca o salmista: «*ensina-nos a contar assim os nossos dias, para podermos chegar ao coração da sabedoria*» (Sl 90,12).

Com o primeiro Domingo de Advento, damos início a um novo ano litúrgico que não é apenas uma organização sistemática e articulada das memórias, festas e solenidades, mas a celebração do Mistério de Cristo, que ilumina o tempo e a história, e nos ensina a arte de fazer dos dias que vivemos, o tempo onde Deus atua e realiza a Sua obra de amor.

O tempo de Advento é tempo de espera alegre e jubilosa. Não esperamos um autocarro atrasado em hora de ponta ou um comboio em dia de greve. A nossa espera não desespera, porque o nosso Deus cumpre a promessa feita aos nossos pais: «*dias virão, em que cumprirei a promessa que fiz à casa de Israel e à casa de Judá*».

O Senhor vem! Vem, porque já veio na fragilidade e debilidade da nossa natureza inaugurar os novos céus e a nova terra. Vem, porque virá um dia no esplendor da sua glória para estabelecer os novos céus e a nova terra de modo pleno, total e definitivo. Vem, porque continuamente se faz presente na vida de cada homem por meio de tantos sinais. Deste modo, o tempo de Advento é o tempo por excelência da vida cristã, porque nos situa entre a vinda primeira de Cristo e a vinda definitiva, ensinando-nos a arte de acolher cada dia como uma visita de Deus: «*Esperar é um modo de chegares / Um modo de te amar dentro do tempo*» (Daniel Faria).

Viver despertos e vigilantes aguardando a vinda do Senhor não é uma alienação, nem uma projeção dos nossos desejos mais íntimos, mas o único modo de atravessar a história, semeando a esperança que brota do coração de Deus e se revela em Jesus Cristo. É tempo de «*nutrir a esperança de amanhã, curando a dor de hoje*» (Papa Francisco), porque a esperança que nasce do Evangelho não consiste em esperar passiva e ingenuamente um amanhã em que tudo ficará bem, mas em tornar concreta hoje a promessa de salvação de Deus. **in Voz Portucalense.**

pelos babilônios e que o próprio Jeremias está detido no átrio da guarda, acusado de derrotismo e de traição (cf. Jr 33,1). Nesse cenário que parece sem saída, o profeta é convidado a proclamar, em nome de Javé, a chegada de um tempo novo, no qual Deus vai curar as feridas do seu Povo e proporcionar a Judá “abundância de paz e segurança” (Jr 33,6). A mensagem é tanto mais surpreendente quanto o futuro imediato parece sombrio e o próprio Jeremias é acusado de profetizar a destruição de Jerusalém e o exílio de Sedecias (cf. Jr 32,3-5).

No entanto, o mais provável é que este oráculo seja um texto tardio, redigido por um discípulo de Jeremias após o Exílio do Povo na Babilônia, com a finalidade de animar os judeus regressados do Exílio, desiludidos porque encontraram tudo destruído e um futuro incerto. A promessa de um “rebento de justiça”, da família de David, pretende ajudar os retornados do Exílio a recobrem ânimo e a abrirem as portas à esperança. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Cada tempo, cada século, tem os seus momentos de crise, os seus problemas, as suas angústias, os seus dramas. O nosso tempo também. Apercebemo-nos, hoje, que o nosso estilo de vida põe em causa o equilíbrio do planeta e o futuro da nossa civilização; constatamos, hoje, que a indiferença se tornou uma doença global, e que nos interessamos cada vez menos uns pelos outros; descobrimos, hoje, que ainda não aprendemos a viver fora de uma lógica de egoísmo e que essa lógica condena uma grande parte dos homens e mulheres que caminham ao nosso lado a uma vida sem recursos e sem esperança; verificamos, hoje, que continuamos a preferir a velha lógica da guerra e da violência para resolver os nossos diferendos e as nossas diferenças; reparamos, hoje, que todos os dias aumenta o imenso cortejo de homens e mulheres que são despojados da sua dignidade e que são abandonados nas margens do caminho que a humanidade vai percorrendo... Para onde caminhamos? Que história estamos a construir? É neste cenário que ecoa essa mensagem eterna que nos é apresentada na primeira leitura deste primeiro domingo do advento: Deus permanece fiel às suas promessas e não abandona os seus filhos. Ele vai enviar-nos – ou melhor, vai continuar a enviar-nos – “um rebento de justiça” que nos apontará o caminho e que nos ensinará a construir um mundo novo. Da nossa parte, estaremos disponíveis para o acolher? Estaremos dispostos a escutá-lo e a aceitar as suas indicações?
- Jesus, o “rebento de justiça” da família de David, veio ao nosso encontro e mostrou-nos, com palavras e com gestos, os caminhos que devemos percorrer. Mas fez ainda mais: convidou-nos a integrar a comunidade do Reino de Deus e envolveu-nos na construção de um mundo mais justo, mais humano, pleno de harmonia e de paz. Como discípulos de Jesus, sentimo-nos comprometidos na construção desse mundo de justiça, de harmonia, de paz, de fraternidade, que Deus deseja para todos os seus filhos e filhas? Os nossos gestos, as nossas atitudes, as nossas palavras criam harmonia e entendimento, ou acrescentam agressividade, intolerância, confronto, revolta, sofrimento ao cenário onde nos movemos todos os dias?
- O “profeta” que nos deixou a mensagem que a nossa primeira leitura nos apresenta foi capaz, numa época histórica difícil para si e para o seu povo, de não se deixar submergir pela onda de desânimo e de pessimismo que ameaçava os habitantes de Jerusalém. Ele estava absolutamente seguro de Deus: da sua bondade, do seu amor, da sua fidelidade; e por isso pôde oferecer aos seus irmãos uma mensagem que lhes abriu as portas da esperança. Confiamos em Deus, na sua presença na história dos homens, no seu cuidado de Pai, no seu interesse pelo bem de todos os seus filhos? Somos arautos e testemunhas da esperança no meio dos irmãos e irmãs que tropeçam no desespero e no desencanto?
- Estamos a iniciar o tempo do “advento”. No nosso horizonte próximo está a vinda de Jesus. Ele, o “rebento de justiça” da família de David, vem ao nosso encontro para nos ajudar a vencer as nossas contradições e para nos ajudar a corrigir os passos mal andados que trazem sofrimento ao mundo e aos homens. A sua vinda será, portanto, um acontecimento feliz, que deve ser aguardado com alegria e com esperança. Como nos dispomos a viver este tempo de espera de Jesus? Será mais uma oportunidade que passa por nós sem nos tocar e transformar, ou será um tempo de verdadeira renovação, de verdadeiro compromisso, de verdadeiro encontro com Jesus? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL - Salmo 24 (25)

Refrão: Para Vós, Senhor, elevo a minha alma.

**Mostrai-me, Senhor, os vossos caminhos,
ensinai-me as vossas veredas.**

**Guiai-me na vossa verdade e ensinai-me,
porque Vós sois Deus, meu Salvador.**

**O Senhor é bom e reto,
ensina o caminho aos pecadores.**

**Orienta os humildes na justiça
e dá-lhes a conhecer os seus caminhos.
Os caminhos do Senhor são misericórdia e fidelidade
para os que guardam a sua aliança e os seus preceitos.
O Senhor trata com familiaridade os que O temem
e dá-lhes a conhecer a sua aliança.**

LEITURA II – 1 Tessalonicenses 3,12–4,2

Irmãos:

**O Senhor vos faça crescer e abundar na caridade
uns para com os outros e para com todos,
tal como nós a temos tido para convosco.**

**O Senhor confirme os vossos corações
numa santidade irrepreensível,
diante de Deus, nosso Pai,
no dia da vinda de Jesus, nosso Senhor,
com todos os santos.**

Finalmente, irmãos,

**eis o que vos pedimos e recomendamos no Senhor Jesus:
recebestes de nós instruções**

**sobre o modo como deveis proceder para agradar a Deus,
e assim estais procedendo;
mas deveis progredir ainda mais.**

**Conheceis bem as normas que vos demos
da parte do Senhor Jesus.**

CONTEXTO

No século I da nossa era, Tessalónica era a cidade mais importante da Macedónia. Porto marítimo e cidade de intenso comércio, era uma encruzilhada religiosa, na qual os cultos locais coexistiam lado a lado com todo o tipo de propostas religiosas vindas de todo o Mediterrâneo.

A cidade foi evangelizada por Paulo durante a sua segunda viagem missionária, muito provavelmente no Inverno dos anos 49-50. Paulo chegou a Tessalónica acompanhado por Silvano e Timóteo, depois de ter sido forçado a deixar a cidade de Filipos. O tempo de evangelização foi curto, talvez uns três meses; mas foi o suficiente para fazer nascer uma comunidade cristã numerosa e entusiasta, constituída maioritariamente por pagãos convertidos. No entanto, a obra de Paulo foi brutalmente interrompida pela reação da colónia judaica. Os judeus acusaram Paulo de agir contra os decretos do imperador e levaram alguns cristãos diante dos magistrados da cidade (cf. At 17,5-9). Paulo teve de deixar a cidade à pressa, de noite, indo para Bereia e, depois, para Atenas (cf. At 17,10-15).

Entretanto, Paulo tinha a consciência de que a formação doutrinal da comunidade cristã de Tessalónica ainda deixava muito a desejar. A jovem comunidade, fundada há pouco tempo e ainda insuficientemente catequizada, estava quase desarmada nesse contexto adverso de perseguição e de provação (cf. 1Ts 3,1-10). Preocupado, Paulo enviou Timóteo a Tessalónica, a fim de saber notícias e encorajar os tessalonicenses na fé (cf. 1Ts 3,2-5). Quando Timóteo voltou para apresentar o seu relatório, encontrou Paulo em Corinto. Confortado pelas informações dadas por Timóteo, o apóstolo decidiu escrever aos cristãos de Tessalónica, felicitando-os pela sua fidelidade ao Evangelho. Aproveitou também para esclarecer algumas dúvidas doutrinárias que inquietavam os tessalonicenses e para corrigir alguns aspetos menos exemplares da vida da comunidade. A Primeira Carta aos Tessalonicenses é, com toda a probabilidade, o primeiro escrito do Novo Testamento. Apareceu na Primavera-Verão do ano 50 ou 51.

Os dois primeiros versículos do texto que hoje nos é proposto como segunda leitura (cf. 1Ts 3,12-13) encerram a primeira parte da Carta aos Tessalonicenses; mas os outros dois versículos (cf. 1Ts 4,1-2) já pertencem à segunda parte da mesma carta. No seu conjunto, podem ser entendidos como uma espécie de “voto”, através do qual Paulo augura aos cristãos de Tessalónica que possam crescer cada vez mais na fé e no compromisso com o Evangelho de Jesus. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Começamos hoje a fazer o caminho do advento. Queremos que as próximas semanas sejam, para nós, um tempo favorável para prepararmos o encontro com o Senhor que vem. O que devemos fazer para que isso aconteça? Paulo deixa-nos, no texto da primeira Carta aos Tessalonicenses que a liturgia nos oferece como segunda leitura uma “dica” importante: enquanto esperamos a vinda do Senhor Jesus, devemos “crescer e abundar na caridade uns para com os outros e para com todos”. É um convite a sairmos de nós e a abriremos o coração aos irmãos que caminham ao nosso lado; é um convite a não ficarmos indiferentes perante as dores e os sofrimentos daqueles que nos rodeiam;

é um convite a cuidarmos daqueles que não têm voz, que não têm vez, que ficam abandonados na berma da estrada porque ninguém se lembra deles. Estamos disponíveis, neste advento, para nos convertermos ao amor?

- Todas as vezes que nos reunimos para celebrar a eucaristia, somos convidados a rezar o “Pai nosso”, assumindo que Deus é o Pai de todos e que estamos ligados uns aos outros por laços fraternos. No entanto, nem sempre as nossas comunidades cristãs são a “casa da fraternidade” onde os irmãos se acolhem, se aceitam, se respeitam e se amam. Por vezes, deixamos que as quezílias, os ciúmes, as invejas, as maledicências, as vaidades pessoais se intrometam na comunidade e quebrem a comunhão e o entendimento fraterno. Talvez este tempo de advento possa ser um tempo para purificarmos a nossa fraternidade e construirmos comunidades onde se viva o amor “uns para com os outros e para com todos”. Estamos dispostos, neste tempo de advento, a fazer o que estiver ao nosso alcance para que as nossas comunidades cristãs deem ao mundo e aos homens um testemunho verdadeiro de fraternidade, de partilha, de comunhão?
- Paulo lembra aos cristãos de Tessalónica que, enquanto peregrinarmos nesta terra, o caminho da santificação nunca está concluído. É um caminho sempre a fazer-se, que implica o compromisso, o esforço, a fidelidade a cada passo; é um caminho de conversão constante, nunca terminada. Estamos dispostos a aproveitar este tempo de advento para renovarmos a nossa vida, para redirecionarmos os nossos passos, para questionarmos as opções que temos vindo a fazer, para nos comprometermos mais e mais com o seguimento de Jesus e o testemunho do Evangelho? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – Lucas 21,25-28.34-36

Naquele tempo,

disse Jesus aos seus discípulos:

«Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas

e, na terra, angústia entre as nações,

aterradas com o rugido e a agitação do mar.

Os homens morrerão de pavor,

na expectativa do que vai suceder ao universo,

pois as forças celestes serão abaladas.

Então, hão de ver o Filho do homem vir numa nuvem,

com grande poder e glória.

Quando estas coisas começarem a acontecer,

erguei-vos e levantai a cabeça,

porque a vossa libertação está próxima.

Tende cuidado convosco,

não suceda que os vossos corações se tornem pesados

pela intemperança, a embriaguez e as preocupações da vida,

e esse dia não vos surpreenda subitamente como uma armadilha,

pois ele atingirá todos os que habitam a face da terra.

Portanto, vigiai e orai em todo o tempo

para que possais livrar-vos de tudo o que vai acontecer

e comparecer diante do Filho do homem».

CONTEXTO

O Evangelho deste primeiro domingo do advento situa-nos em Jerusalém, num dos dias que precedem a prisão, condenação e morte de Jesus na cruz. O programa de Jesus, nestes dias, é sempre igual: de manhã dirige-se ao templo e passa aí o dia, “a ensinar”; ao final da tarde sai da cidade, atravessa o vale do Cedron e vai até ao Monte das Oliveiras, onde passa a noite (cf. Lc 21,37). Esses dias também vão ser marcados por diversas controvérsias entre Jesus e os líderes judaicos. Depois do gesto profético da purificação do templo, tornado “covil de ladrões” pela cupidéz dos negociantes (cf. Lc 19,45-48), Jesus foi questionado pelos sacerdotes, pelos doutores da Lei e pelos anciãos do povo sobre a sua autoridade (cf. Lc 20,1-8); e respondeu-lhes com a parábola dos vinhateiros homicidas, comparando-os a uns arrendatários de uma vinha que sempre se recusaram a dar ao seu senhor os frutos que lhe deviam. Os representantes do judaísmo oficial também discutiram com Jesus sobre o pagamento do tributo a César (cf. Lc 20,20-26) e sobre a ressurreição dos mortos (cf. Lc 20,27-40). Vai-se tornando cada vez mais clara a ideia de que a proposta de Jesus nunca será acolhida pelas autoridades religiosas de Israel. A cruz está, cada vez mais, no horizonte próximo de Jesus.

Num daqueles dias, ao retirar-se do templo para se dirigir para o Monte das Oliveiras, em resposta ao comentário dos discípulos sobre a beleza e a riqueza do templo, Jesus avisa que tudo isso que estão a contemplar e a admirar irá ser destruído (cf. Lc 21,5-6). Os discípulos, muito impressionados, pedem-lhe explicações (“mestre, quando sucederá isso? E qual será o sinal de que estas coisas estão para acontecer?” – Lc 21,7). Em

resposta, Jesus deixa aos discípulos uma longa instrução que é conhecida como o “discurso escatológico” (cf. Lc 21,7-38).

Na versão do evangelista Lucas, o “discurso escatológico” de Jesus refere três momentos, ou temas, da história futura: a destruição de Jerusalém (que veio a concretizar-se no ano 70, quando as tropas romanas sob o comando de Tito tomaram Jerusalém e destruíram o templo), as vicissitudes que os discípulos irão enfrentar ao longo do seu caminho histórico e, por fim, a vinda definitiva do Filho do Homem. De acordo com o texto de Lucas, Jesus recorre, para falar de tudo isto, a imagens estereotipadas de que os pregadores escatológicos da época se serviam quando discorriam sobre o fim dos tempos. A finalidade de Lucas, ao oferecer-nos o “discurso escatológico de Jesus”, não é tanto descrever os acontecimentos da história futura dos homens, mas sim transmitir aos crentes – aos crentes da década de oitenta do primeiro século e aos crentes de todas as épocas – a força para viverem o seu compromisso com Jesus no meio das dificuldades, incompreensões e perseguições que a história os obrigará a enfrentar. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- No “discurso escatológico”, Jesus diz aos discípulos uma frase que poderia servir de mote para este “caminho de advento” que hoje começamos a percorrer: “erguei-vos e levantai a cabeça, porque a vossa libertação está próxima”. Jesus refere-se ao fim dos tempos, ao dia em que o “Filho do Homem” vier sobre as nuvens para dar início a um mundo novo, a um mundo transformado; mas a frase pode perfeitamente aplicar-se a cada “visita” de Deus, a cada vez que Jesus vem ter connosco, “veste” a nossa humanidade, se torna um de nós, nasce na nossa vida... Sim, a vinda de Jesus liberta-nos pois proporciona-nos o encontro cara a cara com o coração misericordioso e paternal de Deus; a vinda de Jesus liberta-nos pois traz-nos um convite irrecusável a dizermos não ao egoísmo que nos escraviza; a vinda de Jesus liberta-nos pois Ele, quando nos encontra, propõe-nos uma vida nova, uma vida com sentido, uma vida vivida em chave de amor. Nestes dias, à medida que preparamos o nosso coração para acolher Jesus, estamos a aproximar-nos da nossa libertação. O que podemos fazer para preparar a chegada de Jesus? O que temos de fazer, neste tempo, para acolher a nossa libertação?
- “Erguei-vos e levantai a cabeça” – pede Jesus aos seus discípulos. Na verdade, muitas vezes não caminhamos, mas simplesmente arrastamo-nos pela vida, sem horizontes e sem esperança. O medo paralisa-nos, atira-nos ao chão, obriga-nos a escondermo-nos no nosso espaço protegido, à margem da vida e da luta dos homens; o ativismo cansa-nos de tal forma que a certa altura não temos mais forças para nos levantarmos da cama e começarmos a construir, cada manhã, um dia novo e um mundo novo; a desilusão pela forma como o mundo se vai construindo dá-nos vontade de nos isolarmos e desistirmos de qualquer esforço; as injustiças, as violências, as maldades que vemos crescer à nossa volta fazem-nos pensar que o mundo não tem saída... Baixamos a cabeça, conformamo-nos com a realidade de um mundo que nos parece um lugar cada vez mais assustador e renunciamos a desempenhar o nosso papel enquanto protagonistas da história. Ousaremos, neste tempo de advento, animados pela vinda de Deus, “levantar a cabeça”, olhar a vida olhos nos olhos, e assumir o papel que Deus nos destina na construção de um mundo mais justo, mais humano, mais feliz?
- Jesus pede aos discípulos que esperem a sua vinda numa atitude de vigilância. Estar vigilante é estar atento a tudo o que se passa para intervir e atuar quando necessário; é olhar a vida e a história com sentido crítico, sabendo ler os sinais de Deus e respondendo, sem hesitações, aos desafios de Deus; é olhar continuamente à volta para identificar os pedidos de ajuda que nos chegam dos irmãos que caminham ao nosso lado. Significa não acomodação, não conformação, não cedência à preguiça ou ao egoísmo, não indiferença em relação ao mundo e aos homens. Estamos dispostos, neste advento, a reativar a nossa atitude de vigilância? Estamos dispostos, neste advento, a ficar mais atentos a Deus e às indicações que Ele nos vai dando? Estamos dispostos, neste advento, a “ver” e a dar resposta às necessidades e dificuldades dos homens e mulheres que nos rodeiam?
- Jesus também pede aos seus discípulos que, enquanto O esperam, orem “em todo o tempo”. A oração torna-nos íntimos de Deus e aprofunda a nossa comunhão com Deus. No diálogo com Deus apercebemo-nos dos projetos que Ele tem para o mundo e para os homens, interessamo-nos por esses projetos e assumimo-los como nossos; no diálogo com Deus percebemos como atuar, como fazer as coisas, como sermos testemunhas e sinais de Deus no nosso mundo; no diálogo com Deus, colhemos as forças para vivermos de acordo com os valores de Deus e para sermos colaboradores d’Ele na construção do mundo. Dispomo-nos, neste advento, a encontrar momentos para falarmos com Deus, para o escutarmos, para lhe dizermos o que nos vai no coração?
- No seu “discurso escatológico”, Jesus diz aos discípulos que há de vir no final dos tempos, de forma definitiva, sobre as nuvens do céu, “com grande poder e glória”. Só então o mal, o egoísmo, o pecado em todas as suas formas, serão definitivamente derrotados. Até lá, caminhamos na história, fiéis e vigilantes, de olhos postos nesse horizonte, com o coração batendo ao ritmo da esperança. Em

tempo de advento, preparando a próxima vinda de Jesus ao nosso mundo e à nossa vida, somos convidados a olhar, de forma mais consciente e convicta, para o momento final da história, o momento em que a humanidade será definitivamente libertada. Sentimos que a próxima vinda de Jesus, no Natal do Senhor, prepara e anuncia a vinda definitiva do “Filho do Homem”, no final dos tempos, para inaugurar o novo céu e a nova terra onde os filhos e filhas de Deus encontrarão uma felicidade que não tem fim? *in Dehonianos*

Para os leitores:

O início do Ano Litúrgico constitui-se como uma pertinente oportunidade para uma formação de leitores acerca da temática e da estrutura das leituras deste novo Ano Litúrgico e de modo particular do evangelista que nos irá acompanhar.

A **primeira leitura** é o anúncio da promessa do Senhor pela voz de Jeremias. Por isso, pede-se especial atenção à introdução da leitura – *Eis o que diz o Senhor* – e uma proclamação com o tom da esperança e libertação que as palavras do Senhor oferecem.

Na **segunda leitura**, o texto deve expressar a dimensão exortativa com que Paulo se dirige aos Tessalonicenses.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)